



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 07 – Ano IV – 05/2015  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **Manuel do Vale de Moura (1564–1650) e o Pensamento Demonológico e Religioso Português: o *De Ensalmis* na Europa de Seiscentos<sup>1</sup>**

João Miguel Oliveira da Costa Peixe

Doutorando em Cultura Clássica na Universidade do Minho – Braga/Portugal

<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=0866937183975758>

E-mail: [jpeixe@ilch.uminho.pt](mailto:jpeixe@ilch.uminho.pt)

**Resumo:** Em 1620, Manuel do Vale de Moura, um deputado da Inquisição de Évora, publicou um livro intitulado *De Incantationibus seu Ensalmis*. Em mais de quinhentas páginas escritas em Latim, a obra analisa exaustivamente aquelas práticas de cura populares, ditas supersticiosas. No seu esforço de definição e caracterização de tais atos, Vale de Moura tem oportunidade de refletir sobre outros temas conexos com o tema, como pacto e intervenção demoníaca, magia, profecia, vãs observâncias e, em menor escala, astrologia. Com tão alargado campo de interesse, o livro contribui decisivamente para melhor compreender a mentalidade da época no domínio do sobrenatural. Este artigo apresenta uma visão sinóptica da pesquisa de Doutoramento do seu autor, que tem por objetivo a tradução integral da obra e, partindo dela, definir o pensamento demonológico e religioso português dos inícios do século XVII.

**Palavras-chave:** Religião. Demonologia. Magia. Encantamentos. Inquisição. Manuel do Vale de Moura.

---

<sup>1</sup> Este é também o título da nossa investigação de Doutoramento, que aqui se apresenta. O projeto, a ser realizado sob a orientação dos Professores Doutores Manuel Curado e Ana Lúcia Curado, recebe o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref.<sup>a</sup> SFRH/BD/76692/2011).

## Introdução

No século XVII a Inquisição Portuguesa atingiria o seu esplendor máximo. Nessa época, a sua jurisdição abrangia quase todos os aspetos da vida pública e privada dos portugueses e dos estrangeiros que viviam em Portugal. Sem grande surpresa, a Magia era uma das competências dentro dessa larguíssima jurisdição. Antes considerada uma mera superstição, a Magia era, por esses dias, vista como uma heresia. Tal entendimento decorria do facto de a eficácia atribuída a estas práticas decorrer de um pacto que o celebrado implicava ou explicitamente com o demónio. Em causa estava, portanto, uma violação do 1º Mandamento das Leis de Moisés: «Não haverá para ti outros deuses na minha presença.» (Ex. 20, 3.). No seio da Igreja e fora dele, havia, no entanto, algumas vozes discordantes e o debate era feito entre livros, pareceres jurídicos, éditos papais e disposições régias.

Um dos contributos para este debate veio de Manuel do Vale de Moura, na forma de um livro intitulado *De Incantationibus seu Ensalmis*, dado à estampa em 1620.

## O autor

Da biografia deste autor ainda pouco se conseguiu apurar. Muito do que sabemos vem da pena de Diogo Barbosa Machado, na sua *Biblioteca Lusitana*. Diz este dicionarista que Vale de Moura terá nascido em Arraiolos. Não referindo a data em que ele veio ao mundo, afirma que ele morreu aos 86 anos em 1650, o que coloca o seu nascimento em 1564. Infelizmente, os Arquivos distritais de Évora, que guardam os registos paroquiais do distrito, não dão qualquer resultado animador que confirme estes dados. A partir dos livros de despesas da Inquisição de Évora, porém, podemos de facto confirmar o óbito de Vale de Moura em 1650. É do segundo trimestre desse ano o seu último recibo de vencimento, assinado já pelo seu irmão (e herdeiro), Frei Martinho de Vale de Moura.

Sobre a sua formação académica, o autor da *Biblioteca Lusitana* diz que Vale de Moura recebeu o grau de Doutor em Teologia na Universidade de Évora, donde rumou a Coimbra para se graduar em Jurisprudência Pontifícia. Mais uma vez, os arquivos não confirmam estas informações. Os registos que se guardam da

Universidade Évora começam cem anos depois do nosso período de referência, pelo que não é possível, por esta via, confirmar a sua passagem por esta instituição. As referências à frequência da academia eborense são feitas na primeira pessoa, ao longo do *De Ensalmis*, citando alguns dos seus professores nesta universidade. Já no Arquivo da Universidade de Coimbra, encontramos um registo de um Manuel do Vale (sem menção a “de Moura”), que se matriculou em Cânones em 1591, 92, 94, 95, 96, 98 e 1600. Contudo, não há registo da sua graduação.

Diz ainda o verbete da *Biblioteca Lusitana* que, mais tarde, já formado, Vale de Moura terá estado ao serviço da casa de Bragança, como tutor de Alexandre e Filipe, irmãos de Teodósio II. Ainda não se conseguiu confirmação desta informação no Arquivo da Casa Real, mas este dado biográfico é confirmado por outras duas vias: i) Manuel do Vale de Moura, em registo autobiográfico, na dedicatória que abre o *De Ensalmis*, faz referência a este período; ii) o seu discípulo, D. Alexandre, à data já arcebispo de Évora, se refere a Vale de Moura como seu mestre na carta que escreveu à Mesa da Inquisição de Évora a recomendá-lo como Deputado.

Ora, entre todos os motivos de censura que se apontam à Inquisição, pelo menos um mérito há que lhe reconhecer. Se não fossem os seus arquivos meticulosos e cuidadosamente guardados, não seria possível reconstituir muitos passos da historiografia portuguesa dos séculos XV e XVI e muitos dos seus personagens teriam passado anónimos, à margem dos poucos registos oficiais. Tal é o caso da biografia de Vale de Moura. Já se disse que foi pelos livros de despesas da Inquisição de Évora que foi possível confirmar o ano da sua morte. É também nos registos dessa Inquisição que encontramos a já referida carta do arcebispo de Évora que confirma o seu serviço na Casa Real. Naturalmente é também nos arquivos da Inquisição que se encontra, devidamente assinado, o seu termo de juramento de deputado, datado de 15 de setembro de 1603. Além disso, a sua assinatura consta também dos recibos de vencimento em seu nome desde 1613 – ano em que por força de Regimento os deputados começaram a ser remunerados – até 1650, como já vimos, ano da sua morte.

Pelo contrário, da sua ordenação, se é que chegou a ser ordenado, volta a não se encontrar qualquer registo. Todavia, Diogo Barbosa diz que ele foi abade da Igreja de Santa Cristina de Barroso e Inocêncio Francisco da Silva, no seu *Dicionário Bibliográfico Português*, tem a abreviatura de Padre antes do nome de Manuel de

Vale de Moura. Alguns autores atuais (Armando Maggi, p.e.) vão mesmo mais longe e referem-se a Vale de Moura como arcebispo de Évora e Inquisidor Geral. Não há qualquer evidência destes dados. Muito pelo contrário, as listas dos arcebispos eborenses e dos Inquisidores Gerais estão fechadas e o nome de Vale de Moura não figura em nenhuma delas. Vale de Moura, outra vez em registo autobiográfico, refere-se a um período em que terá exercido a função de Expeditor na Cúria de Évora, mas isso não faz dele Bispo tão-pouco, quanto mais arcebispo. O que é certo é que, em todos os documentos da época onde encontramos o nome de Vale de Moura, ele é antecedido do título de “Doutor” e nunca outro. Seria de esperar que, num tempo em que tanto se valorizava as precedências e as regalias dos títulos, as pessoas se fizessem valer do melhor epíteto que pudessem. Nesta lógica, “Doutor” era o máximo que Vale de Moura poderia reclamar para si.

## **A obra**

Tendo em conta o perfil que acabámos de traçar, Manuel do Vale de Moura, Deputado da mesa da Inquisição de Évora, teólogo e canonista, parece estar especialmente qualificado para a tarefa a que se propôs no seu *De Ensalmis*. De facto, por formação e por ocupação, o autor está em posição privilegiada conseguir analisar a natureza dos Ensalmos, à procura do seu eventual carácter herético e para, dessa análise, estabelecer princípios que guiassem a investigação e o julgamento das pessoas acusadas de fazerem uso dessas práticas supersticiosas.

Ora, de acordo com a definição proposta pelo autor, Ensalmos eram enunciações verbais usadas para obter benefícios temporais ou espirituais, tais como a cura de doenças ou de feridas, ou a proteção de perigos vários. Não se excluía que, às vezes, alguma substância ou algum preparado obtido a partir de uma qualquer receita, pudesse acompanhar esse ritual verbal. Este tipo especial de encantamento merecia das autoridades religiosas especial atenção pelo uso, que muitas vezes faziam, de palavras retiradas dos Livros Sagrados e dos rituais da Igreja. Dada, então, esta centralidade que as palavras ou as fórmulas de palavras têm nos Ensalmos, a investigação do livro vai focar-se, por um lado, na busca de provas da existência de um poder que essas palavras ou essas fórmulas de palavras

possam ter para produzir efeitos no mundo; por outro, vai procurar aferir se, nesse eventual poder, reside alguma heresia, latente ou manifesta.

Ao mesmo tempo não ficam sem análise alguns temas conexos, que ajudam a essa investigação. Invocações demoníacas, visões do sobrenatural, curas supersticiosas, práticas judaicas e judaizantes, legislação canônica, tradição literária, científica e filosófica, inclusive análise linguística, pouco escapa ao olhar criterioso e erudito do autor.

O livro, apenas agora a ser traduzido para uma língua vernácula, é uma das duas únicas obras desta época, exclusivamente sobre o assunto, escritas por portugueses.<sup>2</sup> Daí que a sua análise e comentário sejam centrais para ajudar a traçar o quadro de referência da sua publicação e, com isso, reconstituir o contexto cultural da época.

### **Contexto cultural**

O contexto cultural em que a obra é dada à estampa é resultado da confluência de três vectores: o religioso, o do Catolicismo dogmático, dominante no território português; o popular, patente na força das tradições pagãs enraizadas na população; e o (que diríamos) racional, que se apoiava na titubeante evolução científica – se é que se pode falar verdadeiramente em ciência –, resultante do espírito humanista (mesmo que fortemente policiado no espaço ibérico). O choque entre estes três vectores é particularmente sensível no aspeto que mais interessou a Vale de Moura, o dos Ensalmos usados na cura de doenças e feridas. Se, nos Ensalmos maleficientes, não havia qualquer dúvida do crime de quem os usava, já naqueles aliviariam o sofrimento de doentes e feridos, haveria desculpas bastante plausíveis para o seu uso. Era nestes então que importava centrar a atenção.

A partir do texto do *De Ensalmis*, fica a ideia que o entendimento sobre estas práticas populares de cura era também ele devedor dos princípios formatadores da cultura da época já atrás referidos. Do imaginário católico resulta a ideia de que a doença, de acordo com o Antigo Testamento, é um instrumento divino à disposição de Deus para castigar os pecadores e para por à prova os seus devotos mais fiéis.

---

<sup>2</sup> A outra é Memorial e antídoto contra os pós venenosos que o Demonio inventou e per seus confederados espalhou, em odio da christandade, de Frei Manuel de Lacerda, publicado em 1631.

Neste aspeto, as práticas terapêuticas podiam ser vistas, no limite, como uma ingerência humana na vontade divina. Por outro lado, devedora da fusão da cosmogonia pagã com a narrativa católica, havia a crença em entidades sobrenaturais que tinham poderes no mundo natural. Dito de outra forma, acreditava-se em Anjos e Demónios, almas de Santos e outros defuntos, cujos poderes podiam ser invocados e até coagidos para produzir certos efeitos no mundo natural, nomeadamente, para infligir e curar doenças. Mais ainda, o paganismo ancestral era também responsável por certos valores simbólicos do Mundo, que ligavam os diferentes elementos uns aos outros e, por essa via, ligavam esses elementos também à doença e à cura. Ao mesmo tempo, a ciência médica falava de equilíbrio dos humores hipocráticos, de sangrias, fumigações e purgas, de remédios exóticos das farmacopeias de Galeno e Dioscórides, tudo na verdade muito pouco eficaz no diagnóstico e cura das doenças. Havia médicos que falavam até de poderes terapêuticos intrínsecos à natureza das palavras. Especulava-se sobre o efeito da rima, da prosódia e dos signos linguísticos sobre os seus referentes. Especulava-se mais ainda sobre esses efeitos se as palavras ou os enunciados usados fossem retirados das Escrituras. Aliás, os cultos católicos de certa forma endossavam estas crenças. Pense-se no sacramento da Transubstanciação, por exemplo, em que, pela narração de um episódio da vida de Jesus e pela enunciação de uma fórmula de palavras, pão e vinho se transformam no corpo e sangue de Cristo.

Tendo em conta todas estas influências, compreende-se a fundamentação por trás destas cantilenas, dirigidas a uma entidade sobrenatural, ou à própria patologia, às quais podia crescer (ou não) o uso de um preparado especial obtido a partir de uma determinada substância revestida de um simbolismo particular para o efeito em questão. Parece haver, portanto, uma base racional, e não apenas mística, para a crença generalizada da sociedade da época na existência de processos de cura cuja eficácia terapêutica, mesmo à luz dos conhecimentos da época, era no mínimo duvidosa.

Vale de Moura pertence precisamente ao grupo daqueles que duvidam que as palavras possam ter quaisquer poderes intrínsecos para produzirem infalivelmente os resultados prometidos pela sua enunciação. Pelo contrário, ele entendia que, quando alguém garantisse essa infalibilidade, havia uma intervenção demoníaca. E,

mesmo que se fizesse uso de palavras sagradas, à partida à prova de demónios, tal intervenção não ficava excluída. Deus opera apenas através da causalidade natural ou de carismas concedidos a fiéis excepcionais, de que os Apóstolos são o exemplo bíblico mais flagrante. Por isso, o simples uso de palavras sagradas não podia ser prova da intervenção de Deus, nem da infalibilidade do ato. Vale de Moura irá concluir então que o uso de Ensalmos «cheira manifestamente a heresia».

### Fontes primárias

As fontes de Vale de Moura, nas quais o autor vai buscar fundamentação para as suas conclusões, ascendem às centenas. Até ao momento presente, foi possível identificar cerca de trezentas de referências bibliográficas únicas, muitas delas repetidas várias vezes ao longo das 550 páginas do texto. Acresce ainda um corpo de igual número de outras referências, que, devido à forma críptica com que foram abreviadas, ainda não estão satisfatoriamente identificadas.

Percebe-se, contudo, que as fontes mais citadas são o *Disquisitiones Magicae* de Martín Delrio e a *Suma Teológica* de Tomás de Aquino. O teólogo e jurista, Francisco Suárez, é outro autor também muito citado a partir da sua vasta obra (*De Legibus*, *De Religione*, etc.). Na medicina, as opiniões de Hipócrates, Galeno, Avicena, Abulcassis e Guy de Chauliac são convocadas quando é necessário fundamentar um determinado dado clínico. Na filosofia, Aristóteles e Platão, entre outros filósofos antigos, não são desconhecidos a Vale de Moura. Como, naturalmente, também não são os Padres da Igreja Jerónimo, Orígenes ou Agostinho.

Do uso que Vale de Moura faz destas fontes, é possível perceber que ele é um homem marcado também pelos mesmos três fatores que marcam o imaginário da época. Relembremos: o Catolicismo dogmático, o paganismo ancestral e o espírito científico do Humanismo. Se, por um lado, vemos Vale de Moura dogmaticamente a “provar” algo apenas «porque Aquino disse», vemo-lo, por outro, a refutar a possibilidade de as palavras terem poderes para afetar o mundo porque tal «é contra a experiência». É um Vale de Moura dividido entre o dogma e a validação experimental, que não se escusa a comentar algumas tradições,

originalmente pagãs, absorvidas depois pelo Catolicismo, como as festividades do Touro de S. Marcos.

### **Bibliografia secundária**

A nossa análise das fontes primárias está dificultada pelas poucas traduções vernaculares disponíveis dessas centenas de obras, que ao longo do texto do *De Ensalmis* vão sendo citadas ou simplesmente aludidas. Sem possibilidade para a tradução dessas fontes primárias no âmbito da nossa investigação, os trabalhos de outros investigadores do tema e da época adquirem maior importância. É o caso, por exemplo, de *Religion and the Decline of Magic* de Keith Thomas e de *Enchanted Europe: Superstition, Reason, and Religion 1250-1750* de Euan Cameron. No plano nacional, serão centrais as teses de Doutoramento dos Doutores José Pedro Paiva, *Bruxaria e Superstição num País sem Caça às Bruxas*, e Maria Benedita Araújo, *A Medicina Popular e a Magia no Sul de Portugal*. Por outro lado, muito relevantes, pelo quadro mental que denunciam, são diversos diplomas legais, como sejam as ordenações manuelinas, que já dispõem sobre as práticas mágico-supersticiosas. Os Regimentos da Inquisição Portuguesa são também particularmente importantes, porque, além de expor o quadro mental e as práticas quotidianas da época, influenciavam diretamente a prática de Vale de Moura, enquanto Deputado daquela instituição.

### **Conclusão**

A sinopse desta obra que se acabou de fazer cumpre sumariamente o nosso objetivo de contribuir para traçar o quadro mental da sociedade portuguesa à entrada do século XVII. Naturalmente o progresso da nossa investigação ajudará a compor os detalhes desta descrição. A minúcia e a erudição já reveladas do autor do *De Ensalmis* deixam antever que a tradução do livro, quando completa, traga ainda mais detalhes ao esboço deliniado neste breve artigo.

Colateralmente, ao reconstruir o contexto mágico-supersticioso seiscentista, gostaríamos de encontrar uma explicação, pessoalmente satisfatória, que

justificasse a resistência da presença de práticas mágico-supersticiosas nas sociedades atuais. Veremos.

Texto científico recebido em: 12/12/2014

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 05/05/2015

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.